



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
ESPECIALIZAÇÃO EM ESTUDOS DE HISTÓRIA LOCAL:
SOCIEDADE, EDUCAÇÃO E CULTURA.**

PATRÍCIA VELOSO BARBOSA

**BARRAGEM DE CURIMATÃ: A MÉMORIA DE UM PROJETO QUE
SE TORNOU SONHO E FICOU NO LEITO SECO DO RIO PARAÍBA.**

**CAMPINA GRANDE,
2020**

PATRÍCIA VELOSO BARBOSA

**BARRAGEM DE CURIMATÃ: A MÉMORIA DE UM PROJETO QUE
SE TORNOU SONHO E FICOU NO LEITO SECO DO RIO PARAÍBA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Programa de Pós-Graduação em História Local
da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB
como requisito para obtenção de título de
Especialista em História Local: Sociedade,
Educação e Cultura.

Orientador(a): Prof/Dr. Juvandi de Souza Santos

CAMPINA GRANDE,

2020

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B238b Barbosa, Patrícia Veloso.

Barragem de Curimatã [manuscrito] : a memória de um projeto que se tornou sonho e ficou no leito seco do Rio Paraíba / Patrícia Veloso Barbosa. - 2020.

37 p. : il. colorido.

Digitado.

Monografia (Especialização em Estudos de História Local, Sociedade, Educação e Cultura) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, 2020.

"Orientação : Prof. Dr. Juvandi de Souza Santos, Departamento de História - CH."

1. Barragem Curimatã - Paraíba. 2. Cariri paraibano. 3. Seca. 4. Memória. I. Título

21. ed. CDD 981.33

PATRÍCIA VELOSO BARBOSA

BARRAGEM DE CURIMATÃ: A MÉMORIA DE UM PROJETO QUE SE TORNOU SONHO E FICOU NO LEITO SECO DO RIO PARAÍBA.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB como requisito para obtenção de título de Especialista em História Local: Sociedade, Educação e Cultura.

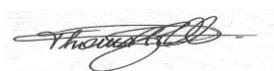
Orientador(a): Prof/Dr. Juvandi de Souza Santos

TCC aprovado em 16/07/2020.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Juvandi de Souza Santos (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB



Prof. Msc. Thomas Bruno Oliveira (Examinador interno)
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG



Prof. Dr. Carlos Xavier de Azevedo Neto (Examinador externo)
Universidade Federal da Paraíba – UFPB

CAMPINA GRANDE,

2020

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Sítio Curimatã atualmente.....	8
Figura 2 - Primeira casa construída (frente)	18
Figura 3 - Primeira casa construída (fundos).....	18
Figura 4 - Planta da Barragem Curimatã.	20
Figura 5- Projeto Arquitetônico da Barragem Curimatã	21
Figura 6 - Imagens da Construção da Barragem Curimatã (1959).....	22
Figura 7 - Planta do Acampamento	25
Figura 8 - Casa do capitão	26
Figura 9 - Posto de Observação	27
Figura 10 - As ruínas do acampamento na atualidade.....	28
Figura 11 - Prática de rapel (Sítio Curimatã)	30
Figura 12 - Estruturas da Barragem (Atualmente)	31
Figura 13 - Jornal do Rio de Janeiro (1961).....	32

TABELA

Tabela 1: Características da Barragem	19
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CHESF	Companhia Hidro Elétrica do São Francisco
CODECAR	Coordenadoria de Desenvolvimento do Cariri Paraibano
DNOCS	Departamento Nacional de Obra Contra a Seca
IOCS	Inspetoria de Obras Contra as Secas
IFOCS	Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas
SUDENE	Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste
PFL	Partido da Frente Liberal
1º GPTE	1º Agrupamento do Exército

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. OS EFEITOS DA SECA NO CARIRI PARAIBANO	9
2.1 As primeiras medidas de obras contra seca	11
2.2 O projeto “Polígono das Secas”	13
3. OS PRIMEIROS PASSOS E O INÍCIO DA CONSTRUÇÃO DA BARRAGEM CURIMATÃ.....	16
3.1 A cidade invisível no meio da caatinga	24
3.2 O cotidiano na Vila do Acampamento.....	28
3.3 As marcas do passado em ruínas transformadas em ponto turístico.....	30
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS	34

BARRAGEM DE CURIMATÃ: A MEMÓRIA DE UM PROJETO QUE SE TORNOU SONHO E FICOU NO LEITO SECO DO RIO PARAÍBA.

*Patrícia Veloso Barbosa*¹

RESUMO

Debater a problemática da seca no Cariri paraibano é de grande relevância, visto que a questão das reservas hídricas ainda é um problema que afeta a população na atualidade. Embora existam órgãos gerados pela província em meados do século XVIII e XIX, no intuito de amenizar os efeitos da seca nas cidades do Sertão e Cariri paraibano, a crise por falta de reservatórios hídricos ainda persiste e reflete também na economia destas cidades. Partindo desse pressuposto, a temática a ser abordada no presente artigo terá como eixo principal o estudo acerca da história local, tomando como base a construção da Barragem Curimatã, iniciada em 1956 pelo (Departamento Nacional de Obra Contra as Secas) DNOCS. A obra foi interrompida pouco tempo após o início de sua construção, onde estava incluído em um projeto chamado “Polígono das Secas” que tinha como objetivo a perenização do Rio Paraíba, no intuito de amenizar o sofrimento do povo do Cariri. A barragem, embora não possuísse grande capacidade de armazenamento, seria a solução naquela época para muitos que dela precisavam. Deste modo, a principal questão a ser abordada nesta pesquisa são os porquês desta obra não ter sido concluída, levando em consideração que fora criado uma pequena cidade em um lugar inóspito, mas que fornecia àquele lugar uma série de espaços públicos que serviram de referência para a população daquele período.

PALAVRA CHAVE: Memória. Cidade. Barragem Curimatã.

ABSTRACT

Debating the problem of drought in Cariri in Paraíba is of great relevance, given that the issue of water reserves is still a problem that affects the population today. Although there are organs generated by the province in the middle of the 18th and 19th centuries, in order to mitigate the effects of drought in the cities of Sertão and Cariri in Paraíba, the crisis due to the lack of water reservoirs still persists and also reflects in the economy of these cities. Based on this assumption, the theme to be addressed in this article will focus on the study of local history, based on the construction of the Curimatã Dam, started in 1956 by the DNOCS (National Department of Work Against Drought). The work was interrupted shortly after the beginning of its construction, where it was included in a project called "Polígono das Secas" that aimed at the perennialization of the Paraíba River, in order to alleviate the suffering of the people of Cariri. The dam, although it did not have a large storage capacity, would be the solution at that time for many who needed it. Thus, the main issue to be addressed in this research is why this work was not completed, taking into account that a small city was created in an inhospitable place, but that provided that place with a series of public spaces that served as a reference for the population of that period.

KEYWORD: Memory. City. Curimatã Dam.

¹ patriciaveloso.adv25@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos a história regional e a história local tornaram-se fonte inspiradora para historiadores que procuram pesquisar sobre eventos históricos, propondo uma nova narrativa a partir da sua localidade e buscando um reconhecimento de notável valor para a história local, neste sentido a busca pela memória, identidade, cultura de um povo ou comunidade vem crescendo frequentemente nos mais diversos âmbitos da pesquisa.

Entretanto, podemos dizer que a história é a afirmação da capacidade criativa do homem e de seu trabalho permanente na busca de soluções definitivas para os problemas que afligem a humanidade, como um todo. De acordo com Almeida (1980):

Deve-se estimular o desenvolvimento das historiografias estaduais, regionais e locais, não porque elas somadas constituam a história nacional, mas porque são individualidades históricas que caracterizam a nação (...) Quaisquer que seja as limitações das histórias locais elas preservam a memória de fatos que a passagem de uma ou duas gerações havia esquecido. (ALMEIDA, 1980, p.12/13)

Levando em consideração a citação de Almeida (1980), o intuito da pesquisa consiste em relatar os problemas da seca, embora bastante conhecida e debatida no Cariri paraibano, presentes em grandes clássicos da história do Brasil, e de forma mais singular na Literatura brasileira, na música, no cordel e nos meios artísticos como o teatro, os filmes, e as telenovelas a seca traz uma representatividade muito forte do povo do Cariri e do Sertão, dando destaque para a história local, relatando na maioria das vezes o sofrimento causado pela seca ao povo nordestino.

Partindo desse pressuposto, a problemática da pesquisa a ser desenvolvida tem como propósito resgatar a memória de um povo que merece uma resposta aos acontecimentos ocorridos nos anos de 1956 á 1959 acerca da construção da Barragem de Curimatã, situada ao leito do Rio Paraíba, hoje pertencente ao município de Barra de Santana.

Os documentos oficiais acerca da Barragem Curimatã, construção das casas e órgãos públicos, estão supostamente em posse do DNOCS e não estão disponíveis para consulta. Talvez este fator tenha contribuído para falta de interesse de historiadores em realizar um estudo mais aprofundado do local, de maneira que este torna-se o primeiro artigo sobre a temática a ser desenvolvido. A falta de fontes que comprovem a veracidade dos fatos e que permita ao historiador uma maior visibilidade e credibilidade à pesquisa é, portanto, um dos motivos pelo qual não se tem nada escrito sobre a Barragem Curimatã.

A priori, a alternativa pensada para esta pesquisa fez-se presente a fonte oral, principalmente pela falta de registros documentais que aborde sobre a temática. Entretanto, a ferramenta mais adequada para descrever tudo que aconteceu naquela localidade seria a oralidade, pois muitos moradores da região são parentes dos senhores que trabalharam na obra, e também poderia utilizar-me de fotografias, para explicar como tudo aconteceu.

No entanto, tomando como ponto de partida a fonte oral, foi possível conseguir informações que me levaram a ter um conhecimento mais profundo da obra. O historiador Sebastião Gonçalves da Silva² mantém em seus arquivos e forneceu algumas documentações do DNOCS que faziam parte do projeto de construção da Barragem Curimatã e que se tornou fundamental na construção do artigo. Deste modo, o trabalho é apresentado com um misto de fontes que partem das teorias, documentações, oralidade e fotografias.

Destarte, começamos essa parte introdutória utilizando-se da obra, do grande clássico “A Paraíba e seus problemas” do escritor José Américo de Almeida³ no qual aborda com riquíssimos detalhes as condições climáticas do Nordeste, destacando o sofrimento do povo durante o período de seca, além de enfatizar o papel dos órgãos públicos ministrados pelo Governo Federal. Segundo Almeida (1980), a história local ou estadual, por menor que seja a área do grupo humano que ela investiga, deve ter um valor duradouro, e um apelo maior que os velhos estudos possuíam.

A obra de Almeida é um exemplo de pesquisa, excepcionalmente bem organizado, estudando a terra, o clima, as secas, a história político-administrativa, isto é, os dois problemas básicos, as distâncias e a água, o estudo social e econômico. Porém, as artimanhas políticas, organizada pela província, decretou a criação de órgãos que pretendiam minimizar a desigualdade social através das medidas de políticas públicas criada pelo governo.

De acordo com Estevão Netto (1987) as Políticas Públicas ampliadas pelo Estado Nacional Brasileiro, órgão criado pelo Decreto nº 7.619, de 21 de outubro de 1909, no qual aprovava o regulamento para a organização dos serviços contra os efeitos da seca subordinado ao Ministério da Aviação e Obras Públicas⁴, com o nome de Inspetoria de Obras Contra as

² Historiador pela Universidade Federal de Campina Grande– UFCG em 2002, e Bacharel em Direito pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB em 2016.

³ José Américo de Almeida, nasceu em Areia, Paraíba, a 10 de Janeiro de 1887. Ingressou em 1903 na Faculdade de Direito no Recife e após a formatura foi nomeado para o cargo de Promotor Público na Comarca de Sousa. Em 1911 passou a ocupar as funções elevadas de Procurador Geral do Estado. Com a vitória da Revolução em 1930, assumiu de 1930 a 1934, o Ministério da Aviação e Obras Públicas. Em 1935 foi eleito Senador e depois designado Ministro do Tribunal de Contas da União. Em 1937 foi apresentado como candidato dos partidos governistas à presidência da República, mas o golpe de Estado de 10 de novembro desse ano suprimiu a campanha eleitoral. O Congresso Nacional foi dissolvido e implantado, no país, o Estado Novo. Nas eleições de 2 de dezembro de 1945 José Américo foi eleito Senador pelo seu Estado natal. Assumiu a Academia Brasileira de letras em 1966, dedicando-se a escrever suas memórias.

⁴ O Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas foi criado com a denominação de Secretaria do Estado dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas pelo Decreto legislativo nº 1.067, de 28 de julho de 1860, reunindo uma vasta gama de atribuições antes pertencente à Secretaria de estados e Negócios do Império e a Secretaria de Estado dos negócios da Justiça.

Secas (IOCS) foi o primeiro órgão a estudar a problemática do semiárido. A este órgão fora designado um série de atribuições, dentre as competências da pasta estavam os assuntos relativos à agricultura, comércio, desenvolvimento das indústrias e ensino profissional, mineração, obras públicas, estradas de ferro, concessão de patentes de invenção, colonização, catequese dos índios, navegação fluvial, correios, telégrafos e outras matérias vinculadas ao processo de modernização do Império Brasileiro.

Em 1919 o Decreto 13.687 alterou este órgão com o nome de Inspetoria Federal de Obra Contra as Secas – IFOCS e só apenas em 1945 é que surgiu o Departamento Nacional de Obra Contra as Secas – DNOCS cujo objetivo era o combate à seca iniciando uma série de estudos das condições naturais das zonas flageladas em seus vários aspectos. A legislação básica do DNOCS tinha por finalidade executar a política do Governo Federal no que se refere ao beneficiamento de áreas e obras de proteção contra as secas e inundações, irrigação, radicação de população em comunidades de irrigantes ou em áreas especiais, abrangidas por seus projetos, subsidiariamente, outros assuntos que lhe sejam cometidos pelo Governo Federal nos campos do saneamento básico, assistência às populações atingidas por calamidade públicas e cooperação com os Municípios.

Embora estes projetos estivessem em andamento os resultados dos programas promovidos pelo governo não surtiram tanto efeito no Cariri paraibano, visto que várias obras não saíram do papel e outras construções ficaram inacabadas a exemplo da Barragem de Curimatã.

A comunidade de Curimatã é uma região localizada na microrregião do Cariri Oriental Paraibano, local marcado pela seca, onde tem como cenário apenas a caatinga, bioma característico do Cariri, conforme imagem do mapa abaixo:

Figura 1. Sítio Curimatã atualmente



Fonte: Google Earth (2020)

Levando em consideração a imagem extraída do *Google Maps* atualmente, talvez nos perguntemos: Por que a construção da barragem naquele lugar? O que levou a paralização e desistência das obras da Barragem? Procuramos as respostas no decorrer da pesquisa e os motivos que levaram estas grandes estruturas à ruínas.

Diante este cenário do Cariri paraibano, algo ainda nos desperta interesse e talvez até um mistério em relação à construção da Barragem de Curimatã. Atualmente, situada no município de Barra de Santana e com acesso pela BR 104, a construção foi iniciada em 1956 pelo DNOCS.

Na verdade, a Barragem Curimatã foi um sonho que não saiu do papel, estava incluída em um Projeto chamado “Polígono das Secas”, que equivalia a uma área de 1.108.434,82km, correspondentes a 1.348 municípios, e que está inserida nos Estados do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia e Minas Gerais. Esse termo designa uma região concentrada no Nordeste e em parte do Sudeste que sofre com a falta de água ou sua baixa oferta por longos períodos. Seus limites são divergentes entre os distintos órgãos de gestão, controle e combate à seca no Nordeste.

Porém, o projeto não obteve êxito em sua totalidade e o que se percebe é que hoje resta apenas as marcas de um passado que poderia ter se concretizado, garantindo às pessoas da região e das cidades vizinhas uma qualidade de vida digna, desmistificando um povo marcado pelo flagelo da seca e da desigualdade social que afeta a população até os dias atuais.

Deste modo, o presente artigo tem como finalidade desvendar a incógnita que desencadeou a interrupção da Barragem de Curimatã, e retratar através de documentos, histórias e fotografias o que de fato ocorreu para a paralização da construção, buscando evidências mais concretas que possam solucionar essas interrogações que norteiam boa parte da população.

2. OS EFEITOS DA SECA NO CARIRI PARAIBANO

Os séculos XVIII e XIX foram marcados por secas drásticas que deixaram várias regiões da Paraíba em estado de alerta, durante este período muitos animais morreram, pessoas saíam dessas localidades desoladas pela seca em busca de sobrevivência no brejo e litoral do Estado, visto que a Paraíba é atingida pela estiagem em quase toda sua totalidade, nem sempre o litoral comportava todos esses povos que procuravam exílio em algum lugar que pudesse assentar.

De acordo com Jivago Correia Barbosa (2011) em seu artigo “Obras e assistencialismo no governo José Américo (1951 a 1956)” traz à tona a seguinte questão:

A seca enfrentada pelos paraibanos durante o governo de José Américo de Almeida - mais especificamente entre os anos de 1951-52 se inicia meses antes de sua posse, verificada no dia 1 de fevereiro de 1951. Os primeiros indícios de uma calamidade iminente foram sentidos em alguns municípios do interior do Estado ainda na segunda metade do ano de 1950. Embora as primeiras notícias referentes a essa problemática tenham ainda surgido no governo do udenista Osvaldo Trigueiro, passado pelo curto período da administração de seu sucessor e vice-governador, José Targino, os problemas relacionados a esse prenúncio de grande estiagem só receberam a atenção merecida a partir dos primeiros meses da gestão americista. Essa afirmação é facilmente comprovada ao compararmos a quantidade de matérias relacionadas à seca, publicadas pelo Jornal “A União” – órgão de imprensa e de maior circulação em todo o Estado. (BARBOSA, 2011, p.3).

Portanto, a citação expressa acima, nos revela que a participação de José Américo de Almeida na política brasileira, fora de grande importância para compreendermos as melhorias e a atenção voltada para o Nordeste naquele período.

A obra de Almeida (1980), “A Paraíba e seus Problemas” relata fatos extremamente relevantes, tornando-se pertinente destacar alguns acontecimentos vivenciados pelos sobreviventes causados pelo sofrimento da falta d’água. Esta passagem da obra atinge a macabra situação produzida pelos efeitos do flagelo da seca no Sertão e Cariri paraibano. Este fato foi publicado pelos jornais da época que registram lances extremos que definem o horror da situação. Notícia *O Publicador*, 24 de Abril.

A 27 de Março próximo findo a retirante Dyonisia dos Anjos encontrou na casa de mercado da cidade de Pombal a menor Maria de 5 annos de idade, levo-a com o maior carinho para a sua casa, próxima ao cemitério; ahi chegando, decapitou a mesma menor, enterrou a cabeça e comeu a carne do corpo da sua vítima! Presa, Dyonisia dos Anjos confessou esse horroroso crime. Está sendo processada pelas autoridades daquela cidade. (AMERICO, 1980, p. 200).

Este crime cometido por Dyonisia dos Anjos é o retrato entremeado de piedade e de horror, que infunde essa mulher antropófaga, da tragédia causada pelo sofrimento da seca na Paraíba.

O ano de 1877 foi marcado por graves consequências devido á manifestação da cólera⁵, doença que atingiu grande parte da população sertaneja e a falta de chuvas que ceifaram a

⁵ Epidemia que assolou a região do Nordeste principalmente entre os anos 1991, mas no início do século já afetava boa parte da população. A cólera é uma doença bacteriana infecciosa intestinal aguda, transmitida por contaminação fecal-oral direta ou pela ingestão de água ou alimentos contaminados. Frequentemente, a infecção é assintomática ou causa diarreia leve. Pode também se apresentar de forma grave, com diarreia aquosa e profusa, com ou sem vômitos, dor abdominal e câibras. Quando não tratada prontamente, pode ocorrer desidratação intensa, levando a graves complicações e até mesmo ao óbito. A doença está ligada diretamente ao saneamento básico e à higiene.

vida de muitos. A situação estava cada vez mais delicada no sertão, conforme aponta o Dr. José Paulino de Figueiredo em seu relatório com quem transmitiu ao governo Dr. Esmerino Gomes Parente, relatando o seguinte:

A falta de chuvas vai reduzindo os sertões da província ao mais deplorável estado. Os credores têm soffrido immenso prejuízo em seus gados, e o que é mais, a população pobre, ehxausta de recursos, acha-se opprimida pela fome, em consequência da sêca. Tendo recebido representações de várias localidades do alto sertão pedindo-se-me socorros em favor dos necessitados, victimas da fome não podendo ser differente á semelhante calamidade, abri na Thesouraria de Fazenda créditos sob minha responsabilidade na importância de cinco contos de réis (5:000\$000) e mandei com essa quantia comprar gêneros alimentícios para ser distribuído pelos necessitados, nomeando para isso commissões de pessoas idôneas como consta da Secretaria. Essa importância não era certamente bastante, mas era urgente acudir de prompto aos desvalidos, em favor de quem se reclamava (...).(ALMEIDA, 1980, p.182/183).

No Cariri paraibano a situação não era diferente do sertão, o cotidiano estava cada vez mais doloroso, porém parte da população mantinha a esperança por tempos melhores e resistia com muita luta e apelo à calamidade esperando donativos encaminhados pelo governo para conter a fome e a miséria, conforme Almeida (1980) acrescenta. Escrevem de Cabaceiras:

Na pequena feira de costume nenhum genero mais apparece, além de rapadura, uma ou outra carga de farinha, milho e tudo por um preço exorbitante. Os desvalidos, em número crescido, já cahem exangues; o pouco genero que o governo para aqui remette com trez e quatro dias é distribuído, ficando o respectivo deposito vasio quinse e mais dias, tempo que medeia á segunda remessa. O numero de cargas que toca a esta infeliz Villa tem attingido o maior a 12 em cada remessa, que serião insuficientes para matar a fome da casa de caridade daqui, na qual existem perto de noventa pessôas sem recurso algum. (ALMEIDA, 1980 p.191)

As citações apenas reafirmam as consequências que a escassez de chuvas trouxe para o povo destas regiões da Paraíba. Embora as medidas criadas pelo Império buscasse amenizar os efeitos da seca nessa região, criando órgãos que pudessem combater a fome e a miséria seria praticamente impossível o governo beneficiar completamente toda população que clamava por chuvas regulares e dias melhores.

2.1 As primeiras medidas de obras contra seca

Entre 1903 e 1904 já havia queixas dos grandes proprietários de terras, alegando a invasão de cangaceiros em suas terras, gerando o descontentamento dos latifundiários que eram obrigados a conviver com os frequentes ataques e saqueamentos aos seus reservatórios.

Neste período já estava declarada a seca na Paraíba e em outros estados do Nordeste. Segundo Almeida (1980) o Presidente José Peregrino invocou instantaneamente, o auxílio federal. Veja a seguir um de seus telegramas⁶.

Dolorossima situação: população faminta todo Estado consequência sêcca e peste generalizada, desde litoral. Chuvas parcaes cahidas algumas localidades, sem deixarem resultado vantajoso, desapareceram inteiramente. Colheitas anno pretérito insignificantes. Preços viveres elevadíssimos. Conselhos municipaes, magistrados, cleros, todas localidades reclamam promptos soccorros, Estado sem recurso s attender. Venho pois solicitar V. Exc. Auxilio federal, accordo art.5º Constituição, são urgentes soccorros directos e immediatos a par construcção prolongamento ferro-vias e açudes. Desespero impelle povo faminto contra abastecidos já esgotados. Augustiosa contingencia, afflictiva situação. Confiante patriotismo e solitudine governo federal apresento V. Exc. cordeais saudações. (ALMEIDA, 1980, p.222.)

Diante do apelo feito pelo Presidente José Peregrino ao Governo Federal os socorros solicitados em 1903 chegaram ao mês de abril do ano seguinte na ridícula quantia de 70:000\$000 réis.

Embora o ano de 1904 não tenha sido propriamente seco caíram algumas chuvas no Sertão e no Cariri, no entanto, falharam todos os meios de reconstrução, nesse mesmo período as epidemias se desenvolveram tornando a situação ainda mais crítica. Posteriormente em 1916 interveio o prestígio nacional do Dr. Epitácio Pessoa que voltara militar na política do Estado. Nesta época, o poder local veio logo juntar-se a assistência federal e as obras de açudes e estradas, bem como um sistema conjunto de viação pública, açudagem e portos.

Entretanto, o quadro caótico em que vivia a Paraíba e principalmente as regiões castigadas pela seca, já datavam em 1910 as primeiras observações pluviométricas feitas pela Inspetoria de Obras Contra as Secas – IOCS, primeiro órgão criado pelo governo no intuito de promover estudos, planejamento de obras hídricas, como canais de irrigações, construção de açudes públicos e particulares, barragens e perfuração de poços, bem como a construção de ferrovias e estradas de rodagem. Neste período o IOCS observou as condições pluviométricas na região, no entanto apenas era possível encontrar os índices pluviométricos na Capital, Campina Grande e Guarabira, tornando-se praticamente impossível saber com detalhes os milímetros de chuvas caídas no sertão e cariri paraibano.

Todavia, essa forma de compreender os problemas da região ocasionou diversas medidas na tentativa de combater o fenômeno da seca. Dentro desse contexto podemos citar a “indústria da seca”, onde grupos políticos e seus aliados se aproveitavam das secas que

⁶ O telégrafo era um aparelho que conseguia transmitir mensagens por meio de códigos para pessoas que estavam há milhares de quilômetros. A funcionalidade do aparelho era possível por meio da eletricidade que codificava as mensagens através de fios.

periodicamente ocorriam para se apropriarem de recursos públicos e buscar lucrar com o pretexto de combatê-las, aproveitando-se da crise hídrica construía barragens, e projetos de irrigação em territórios privados utilizando o dinheiro público para o bem próprio.

Neste sentido, o DNOCS criado no governo de Getúlio Vargas era praticamente o único órgão do governo federal atuando efetivamente na região Nordeste. Por volta de 1959 foram construídas várias barragens, açudes, ferrovias, estradas, hidroelétricas entre outras ações.

Deste modo, é pertinente ressaltar que tais órgãos deixam um acervo muito rico de obras e projetos com destaque para açudes e perfuração de poços, procurando “solucionar” os problemas da seca na região. Embora muitos desses projetos não tenham saído do papel alguns foram concluídos, outros tiveram início e deixou um grande marco na região contemplada com este benefício, inclusive houve obras paralisadas sem nenhuma justificativa como ocorreu com a Barragem de Curimatã que teve suas obras interrompidas após algum tempo do início da obra.

2.2 O projeto “Polígono das Secas”

Podemos definir o Polígono das Secas a partir da Lei 1.348⁷ de 1951 no qual estabeleceu critérios e limites para configurar e delimitar principalmente a região Nordeste, a mais afetada pela seca, embora também fizesse parte de outras regiões como Norte e Sudeste. No entanto, com base em um trabalho colaborativo do Ministério da Integração Nacional, foram adotados alguns critérios para definir a área de atuação.

- a) Isoieta⁸ de 800 mm: seria a quantidade mínima de pluviosidade que se refere para uma determinada região;
- b) Índice de aridez: referência matemática utilizada para medir o grau de aridez com base nas seguintes condicionantes:
 - Potencial hídrico (P);
 - Quantidade de água e da chuva e a taxa de evaporação e transpiração potencial (ETP);
 - Quantidade máxima de perda de água pela aridez, evaporação e transpiração.

⁷ Art 1º É estabelecida a seguinte revisão nos limites da área do polígono das secas, previstos na Lei número 175, de 7 de janeiro de 1936, e no Decreto-lei nº 9.857, de 13 de setembro de 1946: a polygonal que limita a área dos Estados sujeitos aos efeitos das secas, terá por vértices, na orla do Atlântico, as cidades de João Pessoa, Natal, Fortaleza e o ponto limite entre os Estados do Ceará e Piauí na foz do rio São João da Praia; a embocadura do Longá, no Parnaíba, e, seguindo pela margem direita deste, a afluição do Uruçui Preto cujo curso acompanhará até as nascentes; a cidade de Gilbués, no Piauí; a cidade de Barras, no Estado da Bahia; e, pela linha atual, cidades de Pirapora, Bocaiuva, Salinas e Rio Pardo de Minas, no Estado de Minas Gerais; cidades de Vista Nova, Poções e Amargosa, no Estado da Bahia; cidades de Tobias Barreto e Canhoba, no Estado de Sergipe; cidade de Gravatá, no Estado de Pernambuco; e cidade de João Pessoa, no Estado da Paraíba.

⁸ É uma linha traçada em um mapa meteorológico que marca os pontos com igual precipitação pluvial.

- c) Déficit hídrico: refere-se aos períodos em que a taxa de precipitação são menores que as taxas de evaporação do solo e evapotranspiração, na ordem de 60%.

A lei 1.348 de 1951 trouxe alguns benefícios para os governos municipais e estaduais no qual passaram a ser liberada de algumas exigências para as ações emergências de atenção a falta de água da população, bem como o recebimento de verba específica destinada ao enfrentamento da seca via Fundo Nacional de Financiamento do Nordeste.

De acordo com Troleis e Silva.

O “polígono das Secas enquanto recorte territorial de abrangência das condições de semiaridez se constitui de uma área de suma importância para o delineamento das políticas públicas relacionadas ao gerenciamento e gestão dos efeitos adversos do processo de estiagem”. (TROLEIS; SILVA. 2018 p.26)

Portanto, diante o exposto cabe ressaltar que a criação da Barragem Curimatã estava prevista no projeto Polígono das Secas no qual a ideia proposta seria a construção de Barragens ao leito do Rio Paraíba, assim como o Açude Eptácio Pessoa no município de Boqueirão e a Barragem de Acauã no município de Itatuba, além da Barragem de Porteira e Pelo Sinal totalizando cinco barragens neste percurso.

2.3 O projeto de Lei 3.286/89 (PRÓ-CARIRI)⁹

O Projeto de Lei 3.286/89, embora não esteja em consonância com a temporalidade da narrativa a ser estudada é de suma relevância para compreendermos os desdobramentos políticos em relação à seca no Cariri, pois demonstra que em 1989 o problema da seca ainda persistia nesta localidade e infelizmente ainda persiste até os dias atuais.

Este projeto foi encaminhado a Câmara dos Deputados da Paraíba, pelo deputado Evaldo Gonçalves do PFL, professor e advogado e que tinha como meta amenizar os problemas da seca, criou junto a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE, a Coordenadoria de Desenvolvimento do Cariri da Paraíba - CODECAR, com o objetivo de elaborar e operacionalizar o PRÓ-CARIRI projeto de sua autoria.

O referido projeto encaminhado a Câmara em 1989, continha 6 (seis) artigos nos quais explicava a problemática da seca no Cariri, e a importância de procurar soluções que pudessem amenizar o desabastecimento de água. É importante ressaltar que o autor do Projeto

⁹ Art.1º Fica criada a Coordenadoria de Desenvolvimento do Cariri da Paraíba – CODECAR – PB, junto à Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE, a fim que promova e operacionalize um Plano de Desenvolvimento em favor da Região caririzeira paraibana, denominado PRÓ _CARIRI.

foi muito feliz em sua justificativa abordando a problemática da seca através do grande compositor Rosil Cavalcante natural de Macaparana – PE, mas que deixou uma página imortal, consagrando o drama do retirante Nordeste.

No entanto, utilizando-se das palavras e músicas compostas por Rosil Cavalcante, Evaldo Gonçalves aborda uma estrofe de uma música em seu projeto, que se torna pertinente citar:

“No meu cariri,
Quando a chuva não vem
Não fica lá ninguém
Somente Deus ajuda
Se não vier do céu
Chuva que nos acuda
Macambira morre
Xique-Xique seca
Juruti se muda”.

(PROJETO DE LEI, Nº 3.286/89)

Partindo do trecho da música, narrada por Rosil Cavalcante, percebemos que o problema da seca ganha força e torna-se importante falar a partir do momento que ela passa a ser contada e narrada de várias formas, seja nos clássicos, seja na música, nas obras literárias, obras artísticas, nos cordéis que há alguns anos vem ganhando seu espaço nas narrativas historiográficas possuindo maior visibilidade nas últimas décadas.

Entretanto, imaginemos que se nem as plantas e aves mais resistentes ao lugar condenado à sequeidão, como o Cariri paraibano, relatadas na música, conseguem sobreviver e tampouco permanecer no seu lugar de origem, imagine o homem, que depende do bem mais valioso que é a água para sua sobrevivência?

De acordo com Gonçalves (1989) o Cariri da Paraíba área das mais carentes do Nordeste não foi esquecido. Segundo ele, estudos e projetos incluíram a construção de barragens ao longo do Rio Paraíba, e também ao longo do Rio Taperoá e o Rio do Meio. Dentre estas construções estavam os açudes “Porteiras”, “Pelo Sinal”, “Curimatã”, “Boqueirão”, “Acauã”, todos esses foram estudados e projetados pelo IFOCS e posteriormente o DNOCS assumiu as obras a serem construídas.

Porém, Gonçalves (1989) acrescenta em sua justificativa que em função do interesse maior, qual seja o do abastecimento d’água na cidade de Campina Grande, bem como da maior pressão política, um desses açudes, o de Boqueirão foi construído, e outros não estudados nessa época, o foram na mesma região. É o caso do açude de Sumé, de “Cinco

Vacas”, o de “Poções” e “Poçinhos”, em Monteiro o de Caraúbas, em São João do Cariri, e o de Taperoá, Prata, Serra Branca, São José, em São Sebastião do Umbuzeiro e Congo. Em relação á Barragem Curimatã teve suas obras iniciadas, no entanto, foi desativado, depois de algum tempo de trabalho. Porém dessas construções apenas o Açude Eptácio Pessoa o “Boqueirão” saiu do papel no ano de 1956, e posteriormente a Barragem denominada Argemiro de Figueiredo “Acauã” inaugurada no ano de 2002, ainda estava em construção com recursos do Governo do Estado da Paraíba.

As reflexões propostas no Projeto, PRÓ-CARIRI seria transformar a economia primaria da região, em função de uma agricultura voltada para a irrigação, à pecuária que atualmente ainda é bastante presente na região, sendo reconhecida como a bacia leiteira do Cariri, e da caprinocultura. Dentro desse contexto, não seria utópico falar que em razão da produção agrícola e animal, surgissem atividades industriais para aproveitamento dessa matéria prima e de uma abundante mão de obra reconhecidamente disponível na Região.

O PRÓ-CARIRI teria esse sentido duradouro visando à melhoria permanente da qualidade de vida do caririzeiro paraibano, fixando-a a terra e dando-lhe perspectivas seguras de futuro. Porém, este projeto seria o instrumento para realização da revolução social e econômica do cariri da Paraíba, sonhada e embalada durante muitos anos e por igual período postergado.

Como mencionado anteriormente, o projeto PRÓ-CARIRI, foi encaminhado á câmara no ano de 1989, isto implica dizer que não condiz com o período da Barragem de Curimatã, onde as obras já haviam sido paralisadas há anos, no entanto, a importância de mencionar o projeto no presente artigo é relevante, pois relata fatores que poderiam ter amenizado o sofrimento de muitos que lutavam para garantir um futuro melhor, sendo levantadas causas importantes de açudes que não passaram de projetos, porém se concretizados poderia ter amenizado o problema da seca na região.

3. OS PRIMEIROS PASSOS E O INÍCIO DA CONSTRUÇÃO DA BARRAGEM CURIMATÃ.

O próprio título do artigo já nos traz uma reflexão: Será que tudo isto não passou de estudos e projetos? Que houve um projeto muito bem elaborado e detalhado para construção da Barragem de Curimatã é fato, pois segue no decorrer do artigo uma série de plantas da construção da Barragem e também do projeto da Vila Curimatã conforme documentos

expedidos pelo DNCOS além de permanecer toda estrutura mesmo danificada e corroída com o passar dos anos, conforme as imagens seguintes (Figuras 1 e 2). Segundo ponto relevante e o relato de pessoas, dentre elas parentes de trabalhadores que de alguma forma vivenciaram aquele ciclo, e que mesmo sem entender o quão seriam importantes para a história daquele lugar deixou um grande legado. Diante dos fatos mencionados partiremos para um estudo mais detalhado acerca dos documentos, fotografias e relatos que nos levará a viajar no tempo trazendo para o presente a memória de uma época bastante movimentada naquela região.

Em uma reportagem protagonizada pela TV Paraíba no ano de 2015, o Senhor Manoel Francisco de Macêdo conhecido na região como seu “Manoel Dóia” concedeu uma entrevista no qual rememorava com nostalgia o período em que trabalhou na obra. Infelizmente, ele faleceu em 2018, e não obtive a oportunidade de conversar pessoalmente e colher mais informações. Na reportagem, ele revela que na década de 1950, o Exército Brasileiro iniciou seus primeiros passos com a criação da estrada, que partia da BR 104 com destino ao leito do Rio Paraíba, onde a distância do local da Barragem até a rodovia era de 6 km. Durante a reportagem o Professor e Arqueólogo Juvandi Santos Souza reitera o projeto de perenização do Rio Paraíba e afirma a construção das Barragens mencionadas no Projeto Pró-Cariri pelo Deputado Evaldo Gonçalves evidenciando todos os projetos de construção de açudes que estava em curso do leito do Rio.

De acordo com documentos do próprio DNOCS, órgão responsável pela obra na região onde se localiza, a barragem era conhecido por moradores das localidades vizinhas pelo nome de Estreito. No entanto, a 500 metros do local da Barragem no leito do Rio Paraíba, havia um poço, onde se dizia ser abundante para pesca do Curimatã, peixe do rio na época das cheias e conhecido como poço de Curimatã, certamente o nome da barragem deve ter surgido a partir da pesca do peixe curimatã.

Embora o projeto já estivesse em andamento, seria necessário a construção de uma estrada que daria acesso ao leito do Rio Paraíba, porém foi feita cerca de 3 km e 200 metros de estrada para chegar às margens do Rio, feito com um tipo de material chamado piçarra bastante utilizado nas estradas feito de pequenas pedras e barro resistente ao tempo e que até hoje continua sendo uma das melhores estradas.

Durante a construção da estrada houve trechos com grandes cortes de pedras e no meio do caminho fora construída a primeira casa de alvenaria pelos militares. Esta tinha como finalidade abrigar o capitão, tenentes e oficiais que não tinha abrigo definido naquela época conforme apresenta as imagens a seguir a residência permanece no local até os dias de hoje.

As imagens 2 e 3 é da primeira casa de alvenaria construída pelos militares em meio á estrada que liga a BR 104 até a Barragem Curimatã.

Figura 2 - Primeira casa construída (frente)



Crédito da Imagem: Fernanda Veloso

Figura 3 - Primeira casa construída (fundos)



Crédito da Imagem: Fernanda Veloso

Esta casa após a paralização das atividades e a saída dos responsáveis pela obra ficou sob os cuidados de seu Zezé, que desde o início dos trabalhos esteve ao lado dos oficiais monitorando a entrada e saída das pessoas que frequentavam o local. Seu Zezé, assim como

era conhecido passou o resto de seus dias nesta residência que hoje é considerado o patrimônio histórico da família.

Após a construção da estrada, começou de fato a construção da Barragem, que tinha como principal objetivo o sistema de perenização do Rio Paraíba, possibilitando o abastecimento de água em algumas cidades, com destinação ao aproveitamento hídrico e de irrigação. No entanto, a barragem de Curimatã estava integrada a este sistema juntamente com o Açude de Boqueirão concluído em 1956 e o Açude de Acauã que naquela época ainda estava inclusa no projeto, porém suas obras não haviam sido iniciadas.

A princípio, a ideia que se tinha da construção da Barragem de Curimatã é que após as turbinas do Açude de Boqueirão entrar em funcionamento haveria uma descarga de aproximadamente 3,3 m² de água por segundo e esta água se acumularia na barragem de Curimatã. De acordo com o DNOCS a barragem seria um reservatório de acumulação, feita de concreto e estava á cargo do 1º Gpt. E (1º Grupamento do Exército).

O reservatório possuía um riquíssimo projeto, alguns documentos demostram com detalhes as características da Barragem e como ela deveria funcionar, levando em consideração que dentro desse projeto estava o Açude Epitácio Pessoa (Boqueirão) já concluído e o Açude de (Acauã) na época ainda não havia iniciado suas obras. Portanto, é de fundamental importância relatar algumas particularidades acerca da Barragem Curimatã encontradas em documentos que pertenciam ao DNOCS que são os seguintes padrões conforme a (Tabela 1).

Tabela 1: Características da Barragem

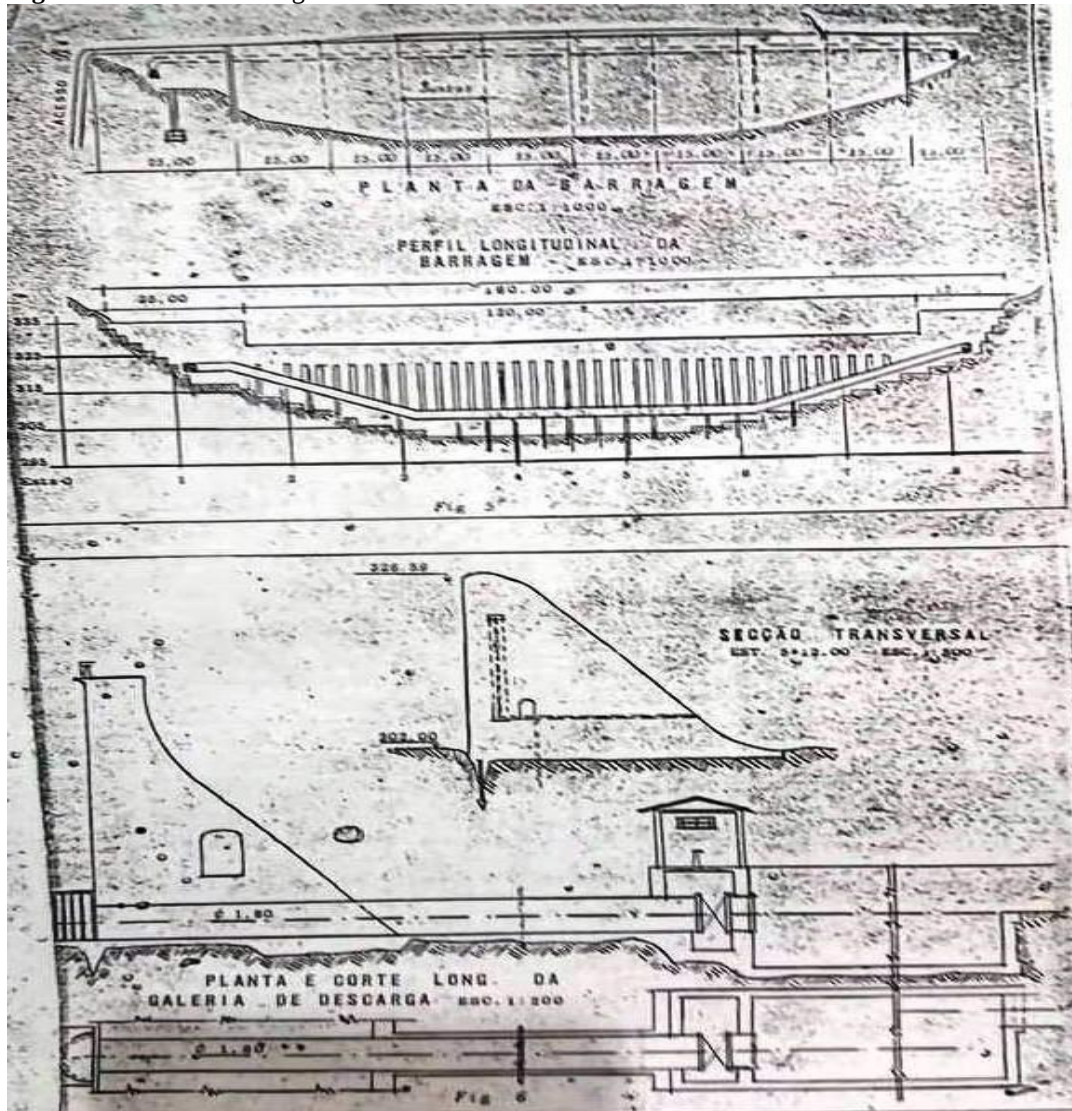
Extensão de coroamento	160 m
Extensão da soleira do vertedouro	120 m
Altura da lâmina d'água vertente	5m
Volume de acumulação	16,6 milhões m ³
Área de bacia hidráulica	300 h
Altura do maciço	26,0 m
Extensão do canal de derivação	4.000 m
Altura da queda disponível	70 m
Produção de energia	11.000 cv
Correspondente ao tipo de barragem retilínea, de gravidade e será de concreto simples.	

Fonte: Documentação do DNOCS fornecidas pelo historiador Sebastião Gonçalves

As características da Barragem Curimatã podem ser percebidas na planta que segue abaixo: Nesta imagem podemos perceber algumas peculiaridades em relação aos aspectos

estruturais da Barragem, demonstrando o seu formato, suas medidas, altura, capacidade de armazenamento entre outros.

Figura 4 - Planta da Barragem Curimatã.



Fonte: Documento do DNOCS fornecido pelo Historiador Sebastião Gonçalves da Silva

Na imagem acima é possível analisar a planta da barragem, no qual mostra o seu perfil longitudinal destacando a sua forma, metragem e altura. Ainda na mesma imagem, percebe-se a secção transversal com uma altura de 336, 56 metros de altitude, além da planta e corte longitudinal da galeria de descarga, nesta imagem podemos analisar a imagem do coreto, isto é, do mirante de onde partia toda fiscalização da obra.

Não menos importante que a planta, merece destaque o desenho construindo em concreto próxima a casa do capitão, seria uma espécie de modelo arquitetônica, isto é, a sua

forma depois de construída. Se olharmos a imagem e associar com a planta podem perceber a semelhança com a maquete de concreto conforme a figura 4.

Figura 5- Projeto Arquitetônico da Barragem Curimatã



Crédito da Imagem: Tássio Agra

Segundo os moradores da região, esta obra feita de concreto representando a Barragem Curimatã quando estivesse concluída, havia neste monumento uma placa de metal que fornecia os detalhes de acordo com informações das pessoas do local nela continha informações como o início e finalização da obra, esta placa infelizmente desapareceu, talvez tenha sido furtada ou quebrada por vândalos, estes são alguns mistérios e questionamentos que no fazem refletir enquanto autora (a).

Todavia, se compararmos a capacidade de acumulação do Açude de Curimatã com os de Boqueirão e Acauã veremos uma grande diferença em favor desses. Se compararmos o potencial elétrico desses açudes vemos um bom saldo favorável á Curimatã, isso se deve a Curimatã ter uma altura de queda disponível de 70 metros o que possibilita a instalação de 2 (duas) turbinas de 5.500 cv ou uma de 11.000 cv (8.100 KW). Contudo, esta energia era suficiente para abastecer a cidade de Campina Grande naquele período deixando ainda alguma reserva. Esta energia poderia ser usada por outras cidades próximas em caráter contínuo ou para reforçar centros consumidores em horas de máxima demanda.

É importante ressaltar que após análise de documentos do DNOCS, fica explícito em seu projeto que a energia de Curimatã iria complementar nessa região a rede de distribuição à época a CHESF, no qual o mesmo poderia manter a continuidade no fornecimento de energia no caso de recuperação, ou substituição de elementos dessa linha.

Embora a obra não possua o mesmo teor demográfico que os açudes de Acauã e Boqueirão, o Curimatã ainda assim seria uma boa alternativa para as pessoas do Cariri e que necessitavam com urgência do bem mais precioso que é água em abundância.

Um ponto marcante e surpreendente são as imagens da obra em construção e que merece destaque na criação deste trabalho, pois apenas demonstra a dimensão do seu planejamento com destaque para todo um aparato que seria utilizado na edificação da Barragem, a partir da imagem (Figura 6) abaixo podemos descrever alguns elementos utilizados para o andamento da obra.

Embora a imagem esteja um pouco desfocada, ainda é possível encontrá-lo os materiais necessários para a sua manutenção e construção, tais como: Pedreira, Britador, Silos, Dosador, Bitoneira, Torre, Compressor, Esteiras transportadoras, Caçamba para concreto da torre e depósito para cimento. Todos estes equipamentos estão na imagem abaixo, com tabela e numeração que identifica cada uma delas. Nesta imagem tem algumas numerações que corresponde aos equipamentos enumerados e destacados ao lado esquerdo da imagem.

Figura 6 - Imagens da Construção da Barragem Curimatã (1959)



Fonte: Documento do DNOCS fornecido pelo Historiador Sebastião Gonçalves da Silva

A imagem acima mostra o andamento da obra, destacando as ferramentas e objetos utilizados na construção. Percebe-se que há alguns números, e ao lado esquerdo da imagem

com legenda e a descrição dos os equipamentos e os principais locais de trabalho da Barragem.

Porém, o canteiro de serviço já estava concluído e possuía uma série de equipamentos que seriam utilizados na construção da barragem. A partir daí surgiu à necessidade da instalação d'água incluindo casas de bombas com altura de recalque¹⁰ de 120 m e com vazão de 25m³ /h, estação de tratamento (decantação, filtragem e cloração) reservatório e rede de distribuição.

Houve também a necessidade de instalação elétrica, Estrada de acesso á torre (escavação em rocha) com 210 m, torres para fixação do cabo aéreo e todo um aparato desenvolvido no intuito de construir uma das mais sonhadas obras de engenharias no Cariri paraibano.

Esta imagem representa uma grande importância, visto que, nela podemos perceber com mais clareza a riqueza de detalhes da construção, bem como, podemos ver logo abaixo o leito do Rio Paraíba, e ao mesmo tempo as primeiras paredes de concreto que sinaliza o início da edificação.

De acordo com o relato de pessoas que presenciaram aquele período, havia um teleférico que carregava materiais e trabalhadores para o outro lado da barragem onde ficava a torre, a imagem acima destaca com clareza a linha teleférica como uma espécie de bonde, comprovando que de fato o teleférico existiu. De acordo com Juvandi de Souza Santos que escreveu um artigo intitulado: A Paraíba já teve um bondinho teleférico e uma cidade-acampamento cheia de 'regalias', publicado pelo Jornal, a União em maio de 2011, apenas reforça o que os documentos do DNOCS comprovam, Santos (2011) diz o seguinte:

O mais curioso é que a comunidade de Curimatã, apesar de viver numa área de caatinga cerrada, a cinco quilômetros de Barra de Santana, gozava do privilégio de usufruir de uma estrada de concreto solto e dos serviços de um bondinho teleférico na época só possuindo similar o Rio de Janeiro. Para as crianças e adultos adeptos do esporte, havia uma quadra e, para o lazer doméstico uma pracinha. (SANTOS, 2011, p.21)

Portanto, não restam dúvidas que a Barragem Curimatã foi um projeto muito bem arquitetado não apenas pelo fato de sua construção, mas pelo processo de modernização que estava sendo erguido naquele local. Porém, tanto os documentos, quanto as imagens reforçam que á construção esteve a todo vapor e infelizmente sua paralização até hoje é motivo de questionamentos.

¹⁰ ALTURA DE RECALQUE (AR) - Desnível geométrico (altura em metros), entre o bocal de sucção da bomba e o ponto de maior elevação do fluido até o destino final da instalação (reservatório, etc.).

3.1 A cidade invisível no meio da caatinga

A região na qual seria a Barragem, também possuía suas peculiaridades, principalmente por ser um lugar marcado pela caatinga, com sua flora caracterizada pelo xique-xique, macambira e plantas rasteira, além de um lugar de muitas pedras e pouco povoada, podemos dizer que seria na prática a estrofe da música de Rosil Cavalcante citada no início deste artigo.

Assim que iniciada a construção da Barragem, iniciou-se juntamente a ela uma vila denominada de Acampamento. Importante ressaltar, que, o nome ¹¹Acampamento não se referia apenas à ideia de “acampar” como se usa habitualmente, na verdade o Acampamento á ser relatado tinha um viés bem mais modernista se levarmos em consideração o lugar e tudo que foi construído.

A priori foi construída a estrada, como mencionado anteriormente para ter acesso ao leito do Rio Paraíba isso só seria possível pela BR104, é na criação da estrada que foi construída uma das primeiras casas que serviu de alojamento para os oficiais responsáveis pela obra, sendo ela a primeira casa de alvenaria construída na região pelos militares.

Deste modo, nos anos de 1956 á 1959 foi instalado o acampamento, demonstrando existir naquele local uma verdadeira cidade, pois nela, havia várias construções que serviriam a população, tais como: igreja, enfermaria, rancho, praça, armazém, escola para duzentas crianças, alojamentos, posto de gasolina, carpintaria, almoxarifado, garagens, quadras de esportes, salão de festas entre outros. De acordo com o artigo de Santos (2011).

A cidade-acampamento foi construída dotada de energia elétrica e de certa autossuficiência, bastante para garantir a permanência de 50 famílias, todos de servidores do DNOCS, havia um pequeno prédio destinado a receber visitantes. Figura 5, logo abaixo demonstra a planta do Acampamento.

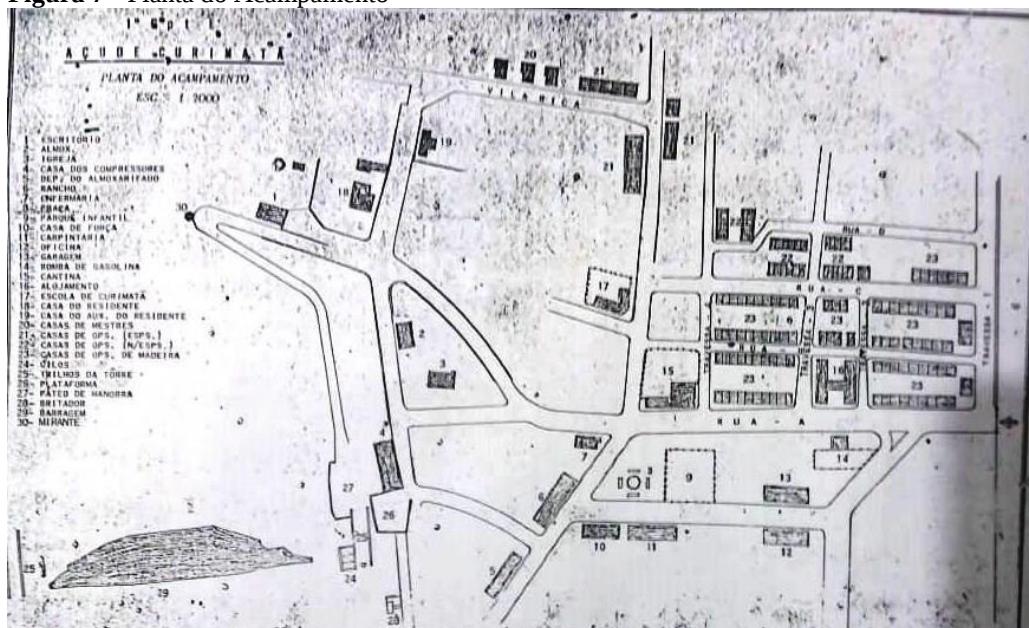
Percebe-se que o desenvolvimento da cidade era evidente e acreditamos que após, finalizada a construção da Barragem de Curimatã, a pequena cidadela permaneceria em fase de crescimento.

Na imagem a seguir, percebe-se que havia algumas ruas o que de fato caracterizava uma cidade, aquele local era um espaço de sociabilidades, os órgãos públicos, os mantimentos que estavam à venda nos armazéns, as cerimônias religiosas e as festividades movimentavam a localidade. A escola era bastante atrativa, acolhia cerca de duzentos alunos tanto do sexo masculino quanto do sexo feminino, e atendiam tanto os estudantes da própria localidade

¹¹ É um local onde se estabelece barracas ou tendas, geralmente com proximidade a natureza onde toda a infraestrutura é levada pelos campistas, tal prática é conhecida por campismo.

como também de comunidades vizinhas. O armazém era o local aonde eram estocados os mantimentos e estava aberta a toda população que faziam as compras dos alimentos na própria cidade. Importante ressaltar as cerimônias religiosas com missas e batizados que ocorria na igreja, além das festividades que era bastante atrativa e atraia públicos de vários lugares.

Figura 7 - Planta do Acampamento



Fonte: Documento do DNOCS fornecido pelo Historiador Sebastião Gonçalves da Silva

A legenda situada no lado esquerdo da imagem aponta as construções erguidas no local de acordo com as numerações, embora a imagem não esteja muito legível, percebe-se que se trata de uma planta cuja finalidade é a construção de residências.

É importante ressaltar que no lado direito da imagem é possível perceber várias ruas, onde as casas aparecem coladas umas as outras, na verdade, estas casas eram de madeiras, residiam nelas, os trabalhadores e suas famílias, porém as casas mais luxuosas pertenciam aos capitães, tenentes e oficiais de um modo geral.

Dentro desse contexto, podemos perceber o contraste social, pois as ruas mais largas, como a Vila Rica onde estavam as maiores residências de alvenaria pertenciam às pessoas de alta patente, enquanto a classe inferior, que trabalhava no pesado morava nas casas de tábuas.

O documento do próprio DNOCS faz menção às casas de madeira, alegando que após a conclusão da obra seria possível fazer a remoção das mesmas sendo transportadas em caminhões, pois esta medida visava baratear a instalação do acampamento, pois uma vez concluída a obra essas casas deveriam ser desmontadas e transportadas para nova obra.

Com a paralização da obra em 1960, tudo permaneceu no mesmo local por cerca de duas décadas, especificamente 24 anos, inicialmente o local ficou a encargo dos militares que não permitia que nenhum trabalhador, mesmo os donos da terra tomasse posse de qualquer moradia, neste período levaram o que puderam através de caminhões, porém muita coisa restou inclusive as grandes residências de alvenaria, e os órgãos públicos. Com a paralização da obra da barragem e a saída dos oficiais na região a cidade caiu em ruínas, foi atacada e saqueada por pessoas que moravam em outras comunidades, de lá, levaram portas, azulejos, telhas inglesas, basculante e tudo que havia de valor.

Os proprietários da terra ainda se apropriaram de algumas residências, as que ainda puderam aproveitar inclusive a casa do capitão, a única que permanece no local, construída em cima de uma pedra com uma vista privilegiada para a barragem Curimatã pertencente á família do Senhor Manoel Francisco de Macedo, que trabalhou durante a obra e que embora tenha feito parte do contingente de trabalhadores nunca soube ao certo explicar as razões e motivos que acarretou a paralização do trabalho, o fato é que sua família reside nesta emblemática casa, muito bem arquitetada, com uma parte do piso ainda em madeira e outra em mosaico, a imagem seguinte demonstra a sua faixada, mantendo intacta a sua forma original.

Figura 8 - Casa do capitão



Crédito da Imagem: Patrícia Veloso

Segundo informações de populares, este ponto estratégico tinha como finalidade observar o andamento da obra da barragem, assim o Capitão com o seu binocular ficava atento a tudo que acontecia durante o trabalho. Podemos perceber que para aquela época uma casa

neste formato era considerada de luxo, possuía características específicas, com varandas, inclusive os banheiros desta residência possuem banheiras, ou seja, artefato de luxo para aquele período, onde poucas casas possuíam banheiros demonstrando a divisão de classe naquela localidade era evidente. Além do pronto estratégico da residência, havia o posto de observação ou ‘mirante’ termo usado por algumas pessoas, este era considerado um dos pontos mais altos da região, de lá eles fiscalizavam tudo o que acontecia, principalmente para supervisionar os trabalhadores, conforme demonstra a figura 9.

Figura 9 - Posto de Observação



Créditos da imagem: Patrícia Veloso

Talvez se não houvesse a planta do acampamento, demarcando tudo o que tinha de valioso e importante naquela região, poderíamos até duvidar que nada daquilo passara de um sonho, ou de uma utopia, as imagens recentes nos revela a invisível cidade que ali existiu, como poderia ter sido promissora a Vila de Curimatã. As imagens a seguir fazem-nos refletir

como tudo aquilo entrou no esquecimento e abandono, podendo ser uma cidade de grande valia para o Cariri paraibano.

Figura 10 - As ruínas do acampamento na atualidade



Créditos da imagem: Patrícia Veloso.

Estas imagens foram feitas recentemente e apenas demonstram o que restou da Vila do Acampamento. Ainda é possível ver lugares de casas destruídas com alguns amontoados de tijolos, uma delas ainda continua apenas com suas paredes, e ainda permanece de pé a frente da garagem da casa do tenente, confirmando que o grande projeto do Acampamento saiu do papel, foi um momento histórico de grande relevância para a localidade e que ainda continua viva na memória daqueles que tiveram o privilégio de presenciar e vivenciar tudo aquilo.

3.2 O cotidiano na Vila do Acampamento

Este tópico talvez seja um dos mais difíceis de escrever, principalmente pelo fato de tratar do cotidiano, mas que é um ponto fundamental para o enriquecimento deste trabalho. Como mencionei na parte introdutória, tive a oportunidade de conversar com duas pessoas acerca da obra do Acampamento.

A primeira pessoa a ser entrevistada foi o senhor José Ilton, filho de uma moradora que viveu por muitos anos na região, embora ele tenha dito não se lembrar de muita coisa, era filho de um senhor que trabalhou na obra, e através de relatos do pai, ele contou o seguinte:

Aqui era uma verdadeira cidade, tinha de tudo, meu pai trabalhou na obra durante algum tempo, construíram essas casas na nossa terra, nunca nos deram nada, nunca foi pago nada para nós pela terra. Quando acabou a obra eles (militares) levaram tudo, olhavam até debaixo da cama para saber se agente escondia alguma porta, não deixaram muita coisa, destruíram casas, algumas ficaram de pé. Depois foram embora, algumas das casas que ficou de pé a nossa família tomou conta, e outras que ficaram foram saqueadas por pessoas de outros lugares. Enchiam os caminhões de telha, portas, azulejo, mosaico tudo que dava para transportar foi levado. Teve um caso que um caminhão carregado de coisas daqui do acampamento perdeu o freio e caiu da ponte de Barra de Santana, até meu primo morreu nesse acidente. (José Ilton, 12 de Junho, 2020).

O relato de José Ilton demonstra primeiramente a falta de sensibilidade por parte dos militares que após a paralização da obra não permitiu que os trabalhadores e moradores da região tomassem posse das residências, já que no relatório do mesmo, não houve nenhum tipo de indenização paga aos proprietários da terra para a construção da Barragem e a construção das casas. Talvez se os proprietários da terra tivessem recebido algum valor monetário pela posse dos militares na terra durante a construção da barragem, quem sabe ainda poderia ter progredido a cidadela de Curimatã.

A segunda pessoa a contar o seu relato foi uma senhora, que embora ela não resida na localidade, tinha muita estória pra contar. Seu nome é Sirlene, mas todos a conhece como “Peta”, ela tem 74 anos de idade e relatou sua vivência no tempo em que existia o acampamento, inclusive seu pai trabalhou na obra, chegando a viajar para outras regiões acompanhando os militares.

A senhora Sirlene mais conhecida como “Peta” relatou sua juventude ainda com o acampamento em funcionamento, ela lembra bem da escola, ela relatou que iniciou seus estudos na cidade de Barra de Santana, que na época era um distrito pertencente ao Município de Boqueirão, depois foi estudar no acampamento, e que a escola de lá era muito bom, estudava no turno da tarde e o chegar ficavam todos em fila e cantava o hino nacional, em seguida eles iam para uma sala rezar, ela alegava que as professoras eram muito boas, todos tinham que decorar a lição e a tabuada antes de chegar á escola. Dona “Peta” também lembrou que as escolas faziam excursões, chamados na época de “piqueniques” pelos professores, eles viajavam para outras cidades para se divertirem. Ela ainda relata as festas no acampamento que era muito animada embora ela não dançasse, amanhecia o dia nas festas que acontecia sempre no mês de junho, festejando o São João, e nas festas de fim de ano, ainda acrescentou que não havia nenhuma briga, e que ainda ficou noiva de um rapaz do Rio Grande do Norte, que vinha cumprir as missões no acampamento. Também ressaltou do cinema, que era bastante frequente na localidade e que eles assistiam aos filmes. O sete de setembro era bastante festejado, os alunos saíam da escola em desfile cívico.

Dona “Peta” falou que frequentava a igreja, embora as missas não ocorressem com frequência, segundo ela, foi batizada, fez crisma e primeira comunhão na igreja do Acampamento. Em relação às compras, havia um armazém, onde os trabalhadores compravam os mantimentos de subsistência. Quando perguntando se ele se recordava do nome do capitão e do tenente, segundo ela, o Capitão era conhecido pelo apelido de capitão “Bom” e o Tenente se chamava Abreu. E assim finalizou Dona “Peta”, lembrando com nostalgia daqueles momentos que vivera no acampamento, alegando ser um tempo bom e bem vivido. (Sirlene, 12 de junho de 2020).

A senhora de codinome “Peta”, relata com saudosismo os momentos vivenciados na cidade-acampamento, suas palavras nos remetem à um passado cheio de boas lembranças e ensinamentos. A entrevistada aborda como foi promissor para a população aquele espaço de sociabilidade, como local de aprendizado, diversão e santidade.

3.3 As marcas do passado em ruínas transformadas em ponto turístico

Diante das imagens apresentadas e o grande projeto de construção da barragem, a história do acampamento ganhou um novo nome, chamado hoje de Cânion de Barra de Santana-PB, tornou-se um dos pontos turísticos da cidade, incluindo nesse ponto algumas modalidades radicais, que de certa forma atrai grande grupos de turistas em busca de aventura para a prática de rapel e trilhas naquela região.

Atualmente o Posto de Observação serve de abrigo para os praticantes do rapel fazendo de lá sua ancoragem, isto é, a fixação da corda do ponto mais alto do Cânion com cerca de 60 metros de descida numa rocha irregular até o vale que margeia o Rio Paraíba. A descida é cheia de obstáculos em meio às pedras nasceram vegetações espinhosas que torna a descida cada vez mais emocionante. A imagem 11 comprova a prática esportiva na atualidade.

Figura 11 - Prática de rapel (Sítio Curimatã)



Fonte: G1 Paraíba

Embora o projeto da Barragem tenha caído no esquecimento e muitos nem imaginam o quão grandioso foi a construção e a Vila do Acampamento para aquela região, a sua estrutura hoje possui uma nova finalidade, transformou em um ponto turístico e admirado por muitos que por ali passam, embora não saibam a grande história que aquele lugar representou para a população, é uma paisagem espetacular. As ruínas ainda continuam para que não possam cair no esquecimento conforme o mural da imagem 12 abaixo.

Figura 12 - Estruturas da Barragem (Atualmente)



Créditos da imagem: Tássio Agra

Neste mosaico de imagens é possível encontrar as marcas da obra, os rejeitos de pedras, os grandes paredões que permanecem até hoje, a estrada que dava acesso à represa, cortada por dinamites e maquinas que cortavam pedras, isto é, a abertura do caminho para que os trabalhadores pudessem chegar ao leito do rio e alojar os equipamentos necessários para manuseamento de máquinas e cimento para fazer a concretagem dos grandes blocos de cimento.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste artigo é justamente resgatar a memória de um passado que aparentemente ficou apenas no papel, porém iniciamos este trabalho com uma série de perguntas e a principal delas é: Qual a motivação da paralização da obra? Este talvez seja um dos maiores mistérios, embora hajam várias versões para o desfecho dessa história que desencadeou a sua paralização.

A primeira versão é a suspeita no corte do orçamento do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas - DNOCS durante o Governo de Juscelino Kubitschek, naquela época o jornal do Rio de Janeiro no ano de 1961 fala da suspensão de recursos para água, energia e estradas para o Nordeste, conforme imagem 13 do jornal abaixo:

Figura 13 - Jornal do Rio de Janeiro (1961)



Fonte: Documento fornecido por Sebastião Gonçalves da Silva (Historiador)

Entretanto, esta seria a primeira versão acerca da paralização da obra. A segunda versão, é que teria havido corrupção e desvio de recursos, ou seja, os valores teriam sido superfaturados e durante o regime militar isto nunca permitia investigação e este seria o motivo pelo qual ninguém, nunca de fato, soube concretamente a motivação da interrupção da barragem. Ainda há outra versão, talvez até infundada, mas que todas as possibilidades devem

ser elencadas que é o encontro do Rio Paraíba com o Bodocongó¹² em Barra de Santana-PB, que por ser um Rio poluído iria afetar as águas da Barragem tornando-a imprópria para consumo, especialmente por conter metais pesados oriundo dos curtumes existentes a época em Campina Grande e que fazia uso de alguns produtos químicos para o processo de curtimento do couro.

Assim sendo, não sabemos ao certo o que de fato aconteceu para a obra ser interrompida, a verdade é que o projeto de fato existiu e ainda chegou a sair do papel, as obras realmente tiveram início, a Vila de Curimatã foi um marco histórico na construção da cidade e que jamais poderá cair no esquecimento, pois a Barragem de Curimatã era símbolo de esperança e alegria para o povo do Cariri paraibano e merece seu reconhecimento.

¹² O riacho Bodocongó tem suas nascentes no sítio Lagoa de Dentro dos Galdino, no Município de Montadas, desagua em Campina Grande no Açude Bodocongó, que segue seu percurso atravessando o município de Caturité até desaguar no Rio Paraíba, município de Barra de Santana –PB.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, José Américo de. **A Paraíba e seus problemas**. 3. ed. João Pessoa, 1980.

BARBOSA, Jivago Correia. Obras e assistencialismo no governo José Américo (1951-1956). **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História** – ANPHUR, São Paulo, 2011.

CANION-EM-BARRA-DE-SANTANA. Disponível em: <https://www.trilhaseaventuras.com.br/canion-em-barra-de-santana-e-muita-aventura-na-paraiba/> Acesso em: 25 Mai. 2020.

CURIMATÃ: O SONHO QUE FICOU NO LEITO SECO DO RIO PARAIBA. Disponível em: <https://www.facebook.com/TVBorborema/videos/987155281350287/> Acesso em: 10. Abr. 2020.

ESTEVÃO NETTO, José. **O DNOCS ontem e hoje: sustentáculo da nascente civilização da seca**. Fortaleza: DNOCS, 1987.

FELIPE, José Ilton. **Entrevista concedida a Patrícia Veloso Barbosa**. Barra de Santana, 12 jun. 2020. [A entrevista encontra-se transcrita na página 29 deste Artigo].

GEOSERTÕES. Disponível: <http://revistas.ufcg.edu.br/cfp/index.php/GEOSERTÕES/article/view/524/pdf> Acesso em: 24 Mai.2020.

GONÇALVES, Evaldo. **Projeto de Lei nº3.286/1989**. Brasília: Congresso Nacional, 1989.
HISTÓRIA-DO-DNOCS. Disponível em: www.dnocs.gov.br/historia Acesso em 02.Jul. 2020.

LEI 1.348. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L1348.htm. 04.Jul. 2020.

MEDEIROS, Verônica Pereira de. **A convivência com o semiárido na comunidade Uruçu, Município São João do Cariri- PB**, João Pessoa, ed. UFPB, 2015.

MINISTERIO-DA-INDÚSTRIA-E-OBRA-PÚBLICAS-1891-1906. Disponível em: <http://mapa.an.gov.br/index.php/dicionario-primeira-republica/486-ministerio-da-industria-viacao-e-obras-publicas-1891-1906> Acesso em 02. Jul. 2020.

NEVES, Erivaldo Fagundes. **História Regional e local: fragmentação e recomposição da história na crise da modernidade** – Feira de Santana: UEFS/ Arcádia: Salvador, 2002.

OLIVEIRA, Leonardo de. Território e religião: Uma abordagem Cultural em Barra de Santana –PB, Campina Grande, ed. UEPB, 2015.

PEREIRA, Sirlene. **Entrevista concedida a Patrícia Veloso Barbosa**. Barra de Santana, 12 jun. 2020. [A entrevista encontra-se transcrita na página 29 deste Artigo].

POLÍGONO-DAS-SECAS. Disponível em <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/geografia/o-que-e-poligono-das-secas.htm> Acesso em: 29.Mai.2020.

SANTOS, Juvandi Souza: A Paraíba já teve um bondinho teleférico em uma cidade - acampamento cheia de 'regalias'. **Jornal a União**, João Pessoa, 29 .Mai.2011.

TROLEIS; Adriano Lima; **SILVA**, Bruno Lopes da. Do polígono das secas à vulnerabilidade ao colapso hídrico: Uma análise do território do Rio Grande do Norte. **Revista Geosertões** (Unageo/CFP-UFCG). Vol.3, nº 5, Jan/Jun. 2018.

TURISMO-DE-AVENTURA-NA-PARAÍBA. Disponível em:
<http://g1.globo.com/pb/paraiba/jpb-1edicao/videos/v/barra-de-santana-e-uma-das-opcoes-de-turismo-de-aventura-na-paraiba/>. Acesso em 04 de Jul.2020.

AGRADECIMENTOS

A especialização em História Local foi um marco importante para a construção da minha trajetória curricular, e como todo e qualquer curso, trazemos não apenas conhecimento, mas construímos amizades que levamos por toda vida.

Primeiramente agradeço a Deus que me transmitiu força e coragem durante as disciplinas e o artigo final, sem Ele eu jamais teria conseguido chegar até aqui;

Agradeço especialmente ao meu orientador Dr. Juvandi de Souza Santos, pela paciência e orientação a mim dedicadas. Não teria melhor pessoa para ser meu orientador, pois, além de ser um excelente arqueólogo e professor, admiro a sua paixão pela natureza e a incansável luta em prol do patrimônio arqueológico da Paraíba. Aqui expresso os meus sinceros agradecimentos.

Agradeço às minhas duas estrelinhas que estão lá no céu e me fazem muita falta aqui, mas tenho certeza que estão orgulhosas do meu trabalho aqui na terra, as minhas eternas avós Luzia e Terezinha (*in memoriam*).

Aos meus pais Marizete e Raimundo o meu agradecimento vai além de tudo que fizeram por mim, sempre estiveram ao meu lado e me apoiaram em todas as decisões tomadas por mim, mesmo sabendo que a luta diária não seria fácil, sempre me motivaram a seguir em frente. Sem vocês nada disso teria sentido, pois tudo que faço é para ver o sorriso estampado no rosto, dizendo que sentem o maior orgulho de mim.

Agradeço com todo meu amor, ao meu companheiro de todas as horas Tássio Agra, você é mais que especial na minha vida, seu apoio é fundamental na minha trajetória de vida, pois divido com você sonhos, e divido com você o nosso bem mais precioso, o nosso filho Théo, que é o motivo de lutar incansavelmente por um futuro melhor. Uma dádiva de Deus em nossas vidas!

Não poderia deixar de mencionar nesta página de agradecimento as minhas amigas companheiras, que conheci na especialização, e agora passam a fazer parte da minha vida, Cida, Taty, Edjane e Silvania vocês, foram meu escudo nos momentos mais difíceis. Agradeço imensamente a Deus por colocá-las em meu caminho, uma amizade que foi construída desde o primeiro dia de aula.

Agradeço a todos os professores da Especialização: Juvandi Santos, José Junior, Flávio Carreiro, Glauber Paiva, Hilmária Xavier, Bruno Gaudêncio, Luiz Carlos, Thomas Bruno, Luira Monteiro, Lucira Monteiro, Iordan Queiroz e José Adilson. Imensamente agradecida por todo conhecimento transmitido com dedicação e maestria.